



# Pai e filho

Mais cedo ou mais tarde aprendemos  
que nem tudo precisa ser dito

*Por W.W. MEADE*

**N**UMA TARDE agradável de abril, minha mulher, Ellen, e eu saímos do apartamento em Manhattan para levar Luke, nosso filho de 6 anos, ao lago do Central Park. Era um dia importante. Havia semanas ele vinha me pedindo para tirar as duas rodinhas que davam estabilidade à

sua bicicleta. E, embora eu achasse que ele era melhor em teimosia do que em ciclismo, o fato é que Luke garantia que “estava pronto”.

Eu retirara as ofensivas rodinhas da bicicleta naquela manhã e, pela primeira vez, ele ia pedalar sem ajuda: mais uma etapa em seu caminho rumo à independência, e mais um momento de apreensão para seus pais.

Luke levou a bicicleta azul e branca até o parque, segurando-a pelo guidom com certa pompa. Quando encontramos um trecho relativamente vazio no caminho que contornava o lago, eu lhe disse que subisse na bicicleta.

Tentei ajudá-lo, mas Luke recusou meu auxílio. “Posso fazer isso sozinho”, era sua resposta para quase tudo nos últimos tempos.

Ellen e eu nos sentamos num banco do parque e ficamos olhando enquanto ele dava uma volta em torno do lago. Parecia estar no paraíso, enquanto pedalava, aumentando a velocidade e afastando-se de nós. Eu podia imaginar o que ele sentia ao sair sozinho na bicicleta. Um dia também fora criança.

**S**E REBOBINASSE a fita de minha vida até 25 anos atrás, veria a mim mesmo de pé, ao lado do meu pônei. Minha mãe, com o cábresto nas mãos, sorria para mim, enquanto me ajudava a colocar o pé esquerdo no estribo. Ela me levantou e, num segundo, lá estava eu montado no melhor presente de aniversário que ganhara em toda a vida. Meu pai, junto ao portão que dava para o pasto, de braços cruzados, tinha o rosto radiante. Foi um momento de imensa alegria, mesclada com o medo mais absoluto.

Não havia meios de eu controlar

um animal tão grande e impaciente, embora, aos 6 anos, fosse três anos mais velho do que o pônei. Papai percebeu minha insegurança e conversou com toda a calma tanto comigo quanto com *Prince* – nome que eu dera ao cavalinho em imaginação, muito antes de sonhar em tê-lo na vida real.

Papai fechou o portão e veio para o meu lado. Mostrou-me como segurar a rédea e me disse para não puxá-la com demasiada força, “tomando cuidado com a boca do animal”. Depois me guiou pelo pequeno pasto vizinho ao nosso quintal.

Vivíamos em Richmond, Ohio, uma cidadezinha rural perto de Cincinnati, onde meu pai começou a carreira de médico. Muitas pessoas mantinham animais em casa, mesmo as que moravam na cidade. As casas tinham quintais grandes e algumas, como a nossa, chegavam a ter pequenos celeiros e grandes hortas, onde cultivávamos tomate, milho, melancia e feijão.

Por várias semanas, só fiz contornar a cerca em volta do pasto. *Prince* não era lá muito dócil e meus pais não me deixavam montar sozinho. Mas, toda vez que dava a volta no terreno, eu sentia uma forte tentação. Papai tinha construído um obstáculo no fim da pista e este podia ser elevado de 60 centímetros para 1,20 metro de altura. Não fora construído para mim, eu sabia muito bem. Era

*Ele parecia  
estar no  
paraíso,  
pedalando,  
afastando-se  
de nós.*

para os adultos e filhos dos amigos de papai com idade suficiente para tais façanhas. No entanto, sempre que eu passava por ali, planejava fazer *Prince* saltar aquele obstáculo.

Era a idéia mais ousada que eu já tivera. Mesmo com a barra na posição mais baixa, parecia um salto altíssimo para mim. Eu me imaginava fazendo *Prince* correr e galopar pela pista, até o momento de saltar no ar. Podia quase sentir a maravilha que seria fazer uma proeza daquelas – e vencer os meus medos.

Mas havia outra razão, ainda mais pungente, para que eu quisesse tanto dar aquele salto – era algo de que me lembrava agora, ao ver meu filho dar a volta de bicicleta no lago. Quando tinha a idade de Luke, eu me sentia pressionado pela vontade de meu pai de que me tornasse logo um menino crescido. As conquistas que eu considerava enormes nunca pareciam grandes aos seus olhos.

Num outono, por exemplo, quando acendemos a lareira da sala pela primeira vez naquela estação, meu pai me pediu que fosse ao porão pegar lenha. Sabia que ele pensava que eu levaria algumas pequenas achas no saco de couro que usávamos, mas peguei a maior e mais pesada que pude encontrar no depósito e a carreguei pela escada íngreme do porão. Quando finalmente a coloquei na lareira, todo orgulhoso, ergui-me, com o rosto em fogo, esperando que meu pai se espantasse com meu feito.

Ele, porém, nem sequer ergueu os olhos do jornal e, pouco depois, subi

para meu quarto. Por um bom tempo, fiquei deitado na cama, na penumbra, lamentando-me por não ter conseguido impressioná-lo.

**L**UKE PARECE muito confiante – disse Ellen, chamando minha atenção para nosso filho, que fazia a curva pedalando com esforço, do outro lado do lago.

Ali havia uma ladeira, ligando um pequeno bosque ao caminho pavimentado, e Luke conseguiu subir com a bicicleta por alguns metros. Em seguida, parou, descansou o pé direito no chão e deu a volta, retomando o caminho principal.

Ellen comentou que tinha sido ótimo ele não tentar subir a colina.

– Ele já aprendeu a frear, não é? – perguntou ela.

– É instintivo – respondi. – Qualquer menino sabe como frear uma bicicleta.

Ele fez a curva e veio em nossa direção, colocando os dois pés no chão a fim de parar.

– Se você pedalar para trás, a bicicleta freia, está lembrado? – perguntei, meio encabulado.

– Eu sei, pai – ele respondeu.

– Você se saiu bem – acrescentei.

– Quero andar um pouco mais – disse ele.

– Outro dia – respondi.

Não era uma das respostas prediletas de Luke, mas ele a aceitou.

– Você se saiu muito bem – repeti, enquanto esperávamos um sinal de trânsito abrir.

– Obrigado, papai – disse Luke. – Podemos ir amanhã de novo?

– Claro. Nada melhor do que um domingo no parque.

Não havia parques na cidade onde aprendi a cavalgar meu pônei. Não havia sequer uma praça, apenas um triângulo de grama onde a estrada encontrava a rua principal. Se eu quisesse cavalgar, só precisava ir até os fundos do quintal, atravessar um portão e entrar no terreno onde *Prince* pastava quando não estava na cocheira. Sempre que o montava, imaginava-nos pulando a barra e completando o salto que eu sabia um dia me obrigaria a dar.

Até que, num sábado, vi que meu pai estava me observando rodear a cerca. E decidi arriscar.

Tinha *Prince* firmemente sob controle enquanto acompanhávamos a cerca. Estava mais apavorado do que imaginava possível, mas, já que a decisão estava tomada, nada podia fazer senão saltar, cair e com toda certeza quebrar alguns ossos.

Quando vi que *Prince* se preparava para dar o salto que eu exigia dele, fechei os olhos. Só assim conseguiria fazer aquilo.

Depois de um intervalo de tempo – que me pareceu enorme – no ar, senti suas patas dianteiras tocarem o chão. Para minha surpresa, eu ainda estava na sela quando dei a volta e parei junto a meu pai que se encon-

trava encostado à cerca. Ele deu tapinhas no pescoço de *Prince* e me bateu na coxa.

“Muito bem!”, disse. Quase explodindo de alegria, deitei-me sobre a sela e também bati no pescoço de *Prince*, da mesma forma que vira papai fazer.

Então ele disse: “Agora, tem um detalhe: da próxima vez em que der um salto, tente abrir um pouquinho os olhos.”

No mesmo instante, toda minha alegria desapareceu. Analisando a situação a distância, graças ao tempo e à experiência, sei que meu pai

estava preocupado com minha segurança.

Mas naquela hora, montado no pônei, sentindo-me vitorioso apenas um segundo antes, fiquei morto de vergonha. Porque meu pai não tinha visto apenas meu salto incrível, mas também minha fraqueza, meu medo terrível. E tinha deixado claro que os vira. Foi a primeira vez na vida que tive vontade de chorar e não chorei.

**N**O DOMINGO, Luke, Ellen e eu fomos cedo para o lago. Eu não conseguia entender por que Luke estava tão ansioso para chegar. Ele já tinha conseguido o principal, no dia anterior. Ellen e eu nos sentamos no banco já nosso conhecido e ficamos olhando enquanto ele se afastava, correndo mais do

*Depois de um  
tempo no ar,  
senti suas patas  
dianteiras  
tocarem  
o chão.*

que deveria. Deu duas voltas no lago e depois começou a subir o aclive do outro lado.

A toda velocidade, antes que pudessemos mandá-lo parar, fez a volta e começou a descer, chispando ladeira abaixo com a cabeça inclinada sobre o guidom. Prendi a respiração enquanto o observava, a jaqueta voando, os olhos apertados.

*Ele vai cair no lago*, pensei, já olhando em torno, à procura de um telefone de onde pudesse chamar uma ambulância.

Mas, assim que chegou à base da ladeira, Luke virou a bicicleta e, com extraordinária elegância, retomou o caminho principal. Ao parar onde estávamos, vermelho e ofegante, perguntou:

– Que tal?

Os olhos azuis estavam arregalados e brilhantes, e seu rosto exibia o sorriso mais orgulhoso e confiante que eu já vira.

– Onde você aprendeu isso?

Ellen ergueu a mão como se fosse endireitar seu cabelo, mas acabou pousando-a sobre o guidom, num

gesto de respeito com o momento de triunfo do filho.

Eu o olhei fixamente. Sabia o que ele tinha feito no momento crítico, assim como meu pai, um dia, também soubera. Abri a boca, escolhendo as palavras:

– Foi uma descida e tanto – disse. – Acho que você se saiu muito bem.

E não disse mais nada sobre o assunto naquele instante. Haveria tempo depois para a inevitável sugestão de que era melhor e mais seguro encarar o perigo com os olhos bem abertos.

Mas, por enquanto, eu estava decidido a elogiar seu feito, a fim de que parecesse o maior possível aos seus olhos. E para que ele tivesse certeza de que, também para mim, fora uma façanha e tanto.

Ele saiu andando à nossa frente, levando a bicicleta enquanto driblávamos as pessoas pela calçada do parque, agora cheias de gente.

– O que você achou? – perguntou Ellen.

– Para mim foi formidável.

Formidável era a palavra certa.

## INFORMANTE SECRETO



Recentemente, os funcionários da empresa em que trabalho receberam um *e-mail* da direção que dizia:

“Fiquem cientes de que certos aparelhos de fax imprimem relatórios após uma transmissão bem-sucedida. Na maioria das vezes, esse relatório contém a primeira

página da transmissão. Lembrem-se disso ao enviar documentos confidenciais.

P.S. – Boa sorte para o rapaz que está se candidatando a um emprego com nosso concorrente.”

– MOHAMED ZAKRI KHAN, *Malásia*